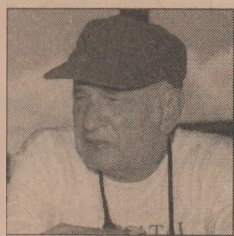




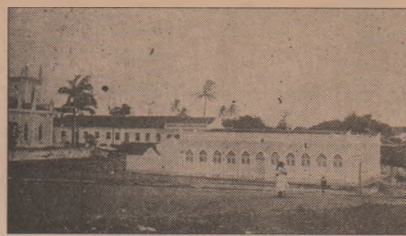
Modus Vivendi
se despede do
público
Página 6

Edgar Morin
fala da
aventura do
novo século
Página 3



Editora: Cinthia Lopes
cynthial@zaz.com.br

A história do
caboclo
Baracho
Página 7



A cozinha e o
bar de verão
para quem já
está no clima
Página 8

Viver

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

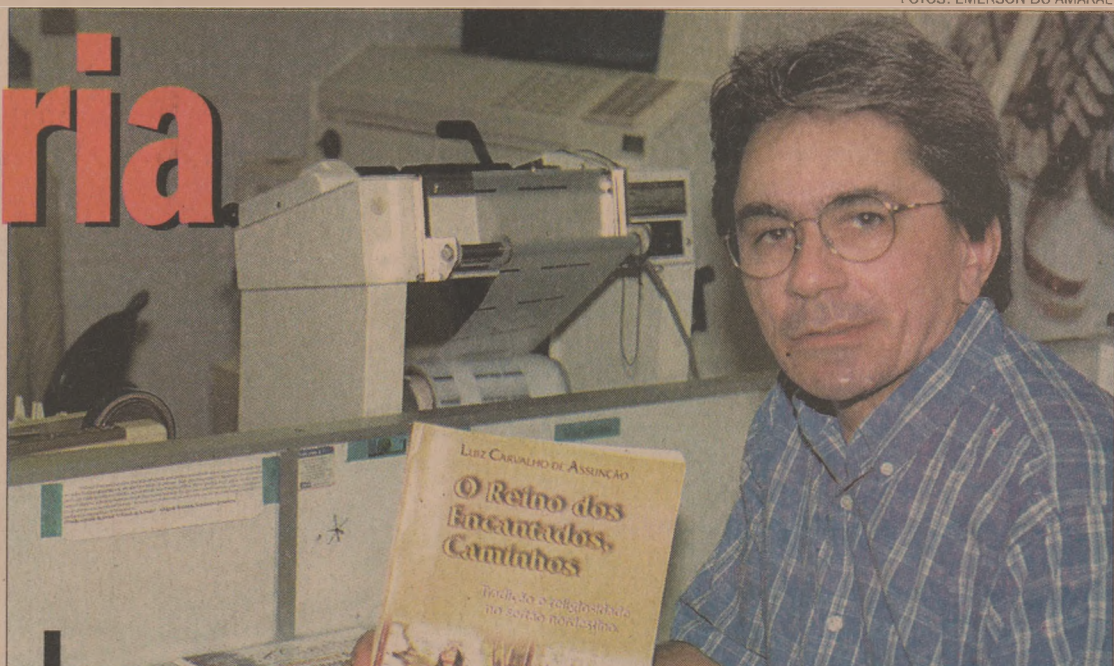
TRIBUNA

DOMINGO, 02 DE JANEIRO DE 2000

■ **PRÊMIOS** Luiz Assumção, Luís Carlos Guimarães e João Marcelino vivenciam o reconhecimento nacional de seus talentos

FOTOS: EMERSON DO AMARAL

Gosto de vitória



FORTE — O figurinista e diretor João Marcelino é favorito ao Prêmio Cultura Inglesa de Teatro

TESE — O antropólogo Luiz Assumção recebe menção honrosa do Prêmio Sílvio Romero

ITAÉRCIO PORPINO
REPORTER DO VIVER

Três nomes norte-rio-grandenses estão provando o gosto do reconhecimento nacional. Um, é Luís Carlos Guimarães. Tido como um dos principais poetas contemporâneos locais, ele ficou com o segundo lugar do Prêmio Banco Real de Talentos da Maturidade (categoria literatura) com o conto "A Pastora e o Arco-íris". Outro, é o professor de antropologia Luiz Assumção. Com um trabalho acadêmico, sua tese de doutorado, ele recebeu menção honrosa do Prêmio Sílvio Romero de Cultura Popular — o mais importante do gênero no País. E o último dessa lista de potigües vitoriosos é o diretor, ator, cenógrafo e figurinista João Marcelino, que está concorrendo ao Prêmio Cultura Inglesa de Teatro pelo figurino do espetáculo "Alice Através do Espelho".

O RECONHECIMENTO LONGE DOS GRANDES CENTROS
Página 2

NO INÍCIO DO
MILÊNIO
COMECE
POR VOCÊ

HR HELENA RUBINSTEIN

MAT SPECIALIST
DIGA ADEUS AO BRILHO!

HR HELENA RUBINSTEIN

HYDRO URGENCY
TRATAMENTO HIDRATANTE
RECONSTRUTOR DA PELE

Parfumerie

CCAB Petrópolis · Lj 34 · Tel. 202.2466
Super Park · Lj 03 · Ponta Negra · Tel. 642.3135



www.came.com_você em todo e qualquer lugar.br

Natal 400 anos.
Na CAME o seu
presente vem do Oriente.
Tapete Oriental
40% de desconto
em 10 parcelas iguais.

CAME
TECIDOS E TAPETES
Av. Hermes da Fonseca, 580/612
Petrópolis Tel. 211 6590 / 2710



PAULO COELHO

AGÊNCIA O GLOBO

Judeus, cristãos, muçulmanos

1 - POUPANDO A ENERGIA QUE RESTA

Dois rabinos tentam, de todas as maneiras, levar o conforto espiritual aos judeus na Alemanha nazista. Durante dois anos, embora mortos de medo, enganam a Gestapo - a temível polícia de Adolf Hilter - e realizam ofícios religiosos em várias comunidades.

Finalmente são descobertos e presos. Um dos rabinos, apavorado com o que pode acontecer dali por diante, não pára de rezar. O outro - ao contrário - passa o dia inteiro dormindo.

- Por que você está agindo assim? - pergunta o rabino assustado.

- Para salvar minhas forças. Sei que vou precisar delas daqui por diante.

- Mas você não está com medo? Não sabe o que pode nos acontecer?

- Eu estava em pânico até o momento da prisão. Agora que estou nesta cela, de que adianta temer o que já aconteceu? O tempo do medo acabou; agora começa o tempo da esperança.

Não precisamos de Ti

O noviço do mosteiro de Sceta assistiram, certa tarde, a um monge ofender o outro. O superior do mosteiro, Abade Sisois, pediu ao monge ofendido que perdoasse seu agressor.

De jeito nenhum - foi a resposta. - Ele fez e terá que pagar.

Na mesma hora, o abade Sisois levantou os braços para o céu e começou a rezar:

- Meu Jesus, não precisamos mais de Ti. Já somos capazes de fazer os agressores pagarem por suas ofensas. Já somos capazes de tomar a vingança em nossas mãos e cuidar do Bem e do Mal. Portanto, o Senhor pode afastar-se de nós sem problemas.

Envergonhado, o monge agredido perdoou imediatamente seu irmão.



2 - PENSANDO NAS GERAÇÕES FUTURAS

Quando jovem, Abin-Alsar escutou uma conversa do seu pai com um dervixe.

- Cuidado com suas obras - disse o dervixe. - Pense na maneira como elas vão afetar as gerações futuras.

- O que eu tenho a ver com as gerações futuras? - respondeu o pai. - Nunca vou conhecê-las: quando eu morrer, tudo estará acabado, e não me importa o que dirão meus descendentes.

Abin-Alsar jamais esqueceu a conversa. Durante toda a sua vida, esforçou-se para fazer o

bem, ajudar as pessoas, executar seu trabalho com entusiasmo.

Tornou-se um homem conhecido por sua preocupação com os outros; ao morrer, tinha deixado um grande número de obras, que melhoraram consideravelmente o nível de vida de sua cidade.

Em seu túmulo, mandou gravar o seguinte epitáfio:

"Uma vida que termina com a morte é uma vida que não valeu a pena".

3 - PROVÉRBIOS DO ISLÃ

O amor é como uma vela: o fogo a consome, mas uma vela apagada é inútil.

Hafis

Quem deseja segurança, melhor permanecer na praia. Quem busca tesouros precisa mergulhar no oceano.

Saadi de Xiras

Um mergulhador que só pensa em tubarões jamais terá pérolas em suas mãos.

Saadi de Xiras

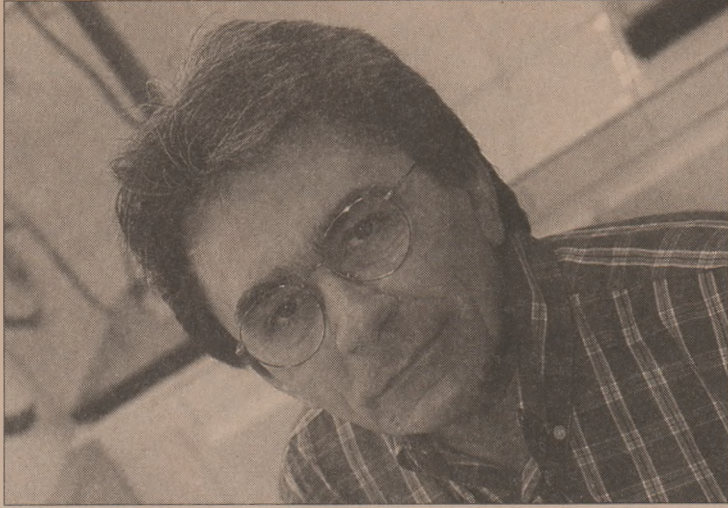
■ **PRÊMIOS** 'O Reino dos Encantados' deu prêmio ao antropólogo Luiz Assumção, já o diretor de teatro João Marcelino concorre com 'Alice'

O reconhecimento longe dos grandes centros

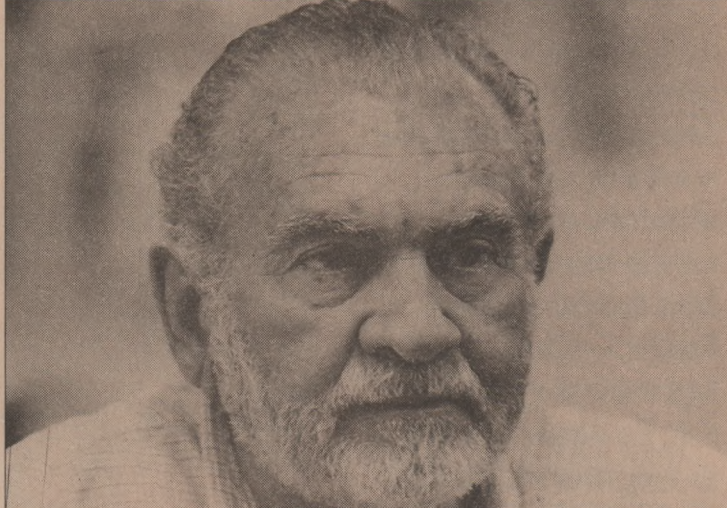
FOTOS: EMERSON DO AMARAL



JOÃO MARCELINO



LUIZ ASSUMÇÃO



LUÍS CARLOS GUIMARÃES

O professor de Antropologia da UFRN Luiz Assumção recebeu menção honrosa no Prêmio Sílvia Romero de Cultura Popular pela dissertação de doutorado "O Reino dos Encantados, Caminhos - Tradição e Religiosidade no Sertão Nordeste".

O prêmio, instituído pelo Ministério da Cultura e Funarte, existe desde 1959. É o mais importante do país no gênero e contempla trabalhos acadêmicos científico-culturais.

Na monografia, defendida na PUC, em São Paulo, o professor sustenta a tese de que as tradições indígenas estão presentes até hoje na cultura brasileira.

Para mostrar isso, o autor centrou seus estudos na umbanda, religião oriunda da mistura das práticas católicas populares, da religiosidade africana, do espiritismo cardecista e dos ritos indígenas. Em dois anos de pesquisa de campo, Luiz Assumção percorreu várias cidades do interior da Paraíba, Piauí, Pernambuco e Ceará onde o umbandismo é praticado. Ao todo, visitou 29 terreiros.

"Nesses terreiros de umbanda, descobri coisas que não se sabia. A cultura do índio está muito presente nos rituais umbandis-

tas. A defumação do cachimbo, por exemplo, é uma herança dos índios", explica o autor.

Pela tese, também dá para se ter uma idéia de como foi forte a expansão da umbanda no interior do Nordeste. A palavra "caminhos", no título da tese, está ligada à peregrinação dos praticantes desse ritual, que saíam de uma cidade para outra disseminando o umbandismo e incorporando elementos da cultura desses lugares.

As pesquisas de Luiz Assumção resultaram num trabalho com 327 páginas, além de um outro volume com mais de 300 fotografias. Quando começou o trabalho, o autor não pensava em lançá-lo em forma de livro, mas agora, depois do prêmio, ele já vislumbra essa possibilidade. "Não deu tempo de contactar nenhuma editora, mas tenho vontade de publicá-lo", diz.

O professor de Antropologia da UFRN se inscreveu no Prêmio Sílvia Romero de Cultura Popular incentivado pela banca do doutorado. Na edição 1999 do prêmio foram inscritos 42 trabalhos de diversas regiões do Brasil.

LITERATURA — Luís Carlos Guimarães é conhecido em Na-

tal por seu trabalho com poesia, mas concorreu ao Prêmio Banco Real de Talentos da Maturidade na categoria literatura com um conto: "A Pastora e o Arco-íris".

O Prêmio foi aberto a todo o País, para pessoas com mais de 60 anos que desenvolvem trabalhos em qualquer área das artes (pintura, teatro, dança). Luís Carlos Guimarães esteve em São Paulo recentemente para receber a premiação.

Participaram da comissão julgadora na área de literatura os escritores Nélida Piñon e Arnaldo Niskier, ambos da Academia Brasileira de Letras.

TEATRO — Embora o resultado do prêmio no qual concorre o norte-rio-grandense João Marcelino ainda não tenha sido divulgado, é justo dizer que, entre os três nomes, o de maior projeção nacional é o seu — segundo reportagem do jornal O Globo de segunda-feira, ele foi indicado como favorito ao prêmio.

O reconhecimento do trabalho de Marcelino começou ainda neste ano, quando ele dirigiu o Grupo Imbução de Teatro, de Aracaju, na peça "O Senhor dos Labirintos". O espetáculo ficou em temporada no Rio de Janeiro, Teatro Nelson Rodrigues, e em

São Paulo, Sesc Pompéia. Ganhou público e crítica e capas dos cadernos culturais dos principais jornais dos dois Estados.

Mas a indicação ao Prêmio Cultura Inglesa, um dos mais importantes do País na área de teatro, é, sem dúvida, o maior reconhecimento que João Marcelino conseguiu até aqui. Além da indicação de melhor figurino, o espetáculo "Alice Através do Espelho", inspirada no universo de Lewis Carroll, concorre em outras cinco categorias no Prêmio Cultura Inglesa — melhor espetáculo, diretor (Paulo Moraes), atrizes (Flávia Fafias e Patrícia Selonk), cenário (Gelson Amaral e Paulo de Moraes) — e em duas categorias no Prêmio Shell de Teatro: melhor direção e música (Paulo de Moraes).

João Marcelino, que disputa o prêmio com Adriana Vaz Ramos, responsável pelo figurino da comédia "Ppp@wllmshkspr.br", dos Parlapatões, Patifes e Paspalhões, já se sente vitorioso apenas com a indicação.

"Esse é o primeiro prêmio de teatro profissional de que participo. E o que me deixa muito feliz é o fato de eu não ter sido indicado por conta do nome, pois não sou famoso. A comissão julgadora avaliou o trabalho", diz

Marcelino.

A peça "Alice Através do Espelho" foi a grande surpresa de 1999 no teatro. Ela foi montada sem grandes pretensões, apenas para encerrar o ano das atividades da Escola Municipal de Teatro de Londrina. Depois de ficar um ano em cartaz lá, foi encenada em Curitiba com outro elenco.

Em 99, o diretor Paulo de Moraes mudou-se para o Rio de Janeiro. Foi então que os cariocas conhecem a peça. O sucesso foi tão grande que "Alice Através do Espelho" vai entrar no seu segundo ano de temporada no Rio. Bárbara Eliodora chegou a dizer que o espetáculo era a melhor coisa que ela já tinha visto. E olhe que a temida crítica não costuma se agradar com teatro experimental.

Pode-se dizer que "Alice Através do Espelho" é uma das grandes inovações do teatro brasileiro. Em vez de assistir a peça sentado nas poltronas, o público toma parte dele entrando no mundo de Lewis Carrol pelo mesmo espelho que a personagem central. Mas antes, todos os espectadores tomam uma xícara de chá..

"A peça é um grande delírio e esse chá é para passar a idéia de alucinógeno. Toda a ação se passa num manicômio e as pessoas embarcam junto com Alice

numa viagem delirante, vindo-a conversar com a Lagarta, que é um louco viciado em haxixe", fala Marcelino.

Para criar o figurino desse moderno espetáculo, Marcelino inspirou-se na psicodélia, no power-flower. Uma das cenas mais bonitas é coreografada por ele. É a que Alice conversa com as flores.

"As flores são representadas por três atores. Tem um momento que o assoalho, revestido com um tecido de malha, sai do chão e veste o corpo de um deles. Aí, entra a música "Aquarius", do filme Hair. Esse espetáculo é bem moderno, tem muito rock. É ótimo", diz o responsável pelo figurino.

Ganhe ou não o Prêmio Cultural Inglesa de Teatro, João Marcelino já é um nome conhecido fora do Rio Grande do Norte. E o ano 2000 promete abrir ainda mais o cenário nacional para ele. O ator e diretor foi convidado pelo teatrólogo Amir Haddad para fazer o cenário e figurino da peça "O Avarento", de Molière.

"É um espetáculo que ganhou o Prêmio Cultural Banco do Brasil e contará no elenco somente com atores de teatro que trabalham na Globo. Eu só tenho razões para ir", conclui Marcelino.

PERFIS DOS 400 ANOS

- Baracho não é o primeiro índio executado na Província, depois da “Guerra dos Bárbaros”
- A coragem inabalável é o principal traço psicológico dos tapuio, qualidade que ele herdou
- Seu crime aconteceu em 23 de abril de 1836, próximo à Lagoa do Gervásio, no município de Extremoz

Baracho, o caboclo enforcado

AUCIDES SALES

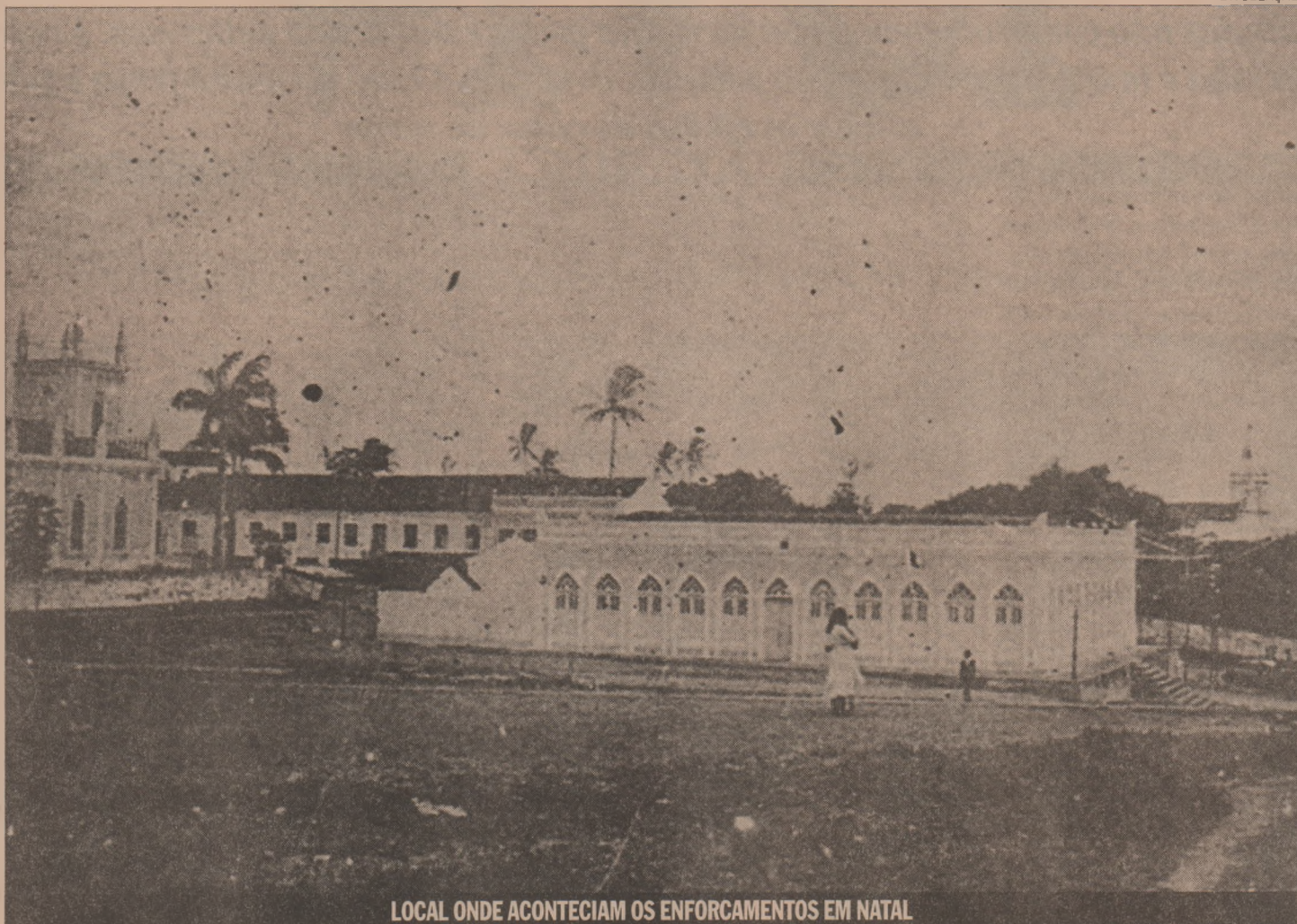
PROFESSOR E PESQUISADOR

Nascido em Extremoz, em 1819, o índio Inácio José Baracho é o segundo condenado à morte na forca em Natal. É o enforcado que mais deixou lembranças.

Não é o primeiro índio executado na Província, depois da “Guerra dos Bárbaros”. O primeiro, foi arcabuzado, sumariamente, em São José de Mipibu, em 1729, por ordem do capitão-mor Barros Braga. Era um tapuio escravizado que já matara 5 pessoas, sendo o último, seu próprio senhor. O segundo, é um grupo de 70 tapuios, da vila de Portalegre, fuzilados em 1825 pelos moradores brancos da dita vila, por terem os índios, rebelados, invadido a vila e morto o delegado, que prendera e humilhara a muitos, depois que estes negaram-se a participar da revolução de 1817, fugindo para o Ceará.

Por terceiro, nesta ordem, houve o fuzilamento de um casal de índios e um escravo da vítima, em Caicó, condenados pela justiça por terem assassinado a sobrinha do Padre Brito Guerra, Ana Freire de Brito, por ordem do seu marido Francisco Galdino de Medeiros.

Portanto, Baracho seria assim, a quarta execução de indígenas, depois da Guerra do Bárbaro. A sua descrição física e psicológica nos faz crer tratar-se de um tapuio. Extremoz recebeu na Guerra dos Bárbaros, grupos de paiaçus de



LOCAL ONDE ACONTECIAM OS ENFORCAMENTOS EM NATAL

Apodi que fixaram-se como parte da população da futura vila, a qual se formou da aldeia de potiguares, daí a possibilidade de ser Baracho um tapuio.

A coragem inabalável é o principal traço psicológico dos tapuio, descendendo dele o bom vaqueiro, o cangaceiro e os componentes dos termos de pífanos, que tocam dançando e usando armas, acrobaticamente.

Baracho, condenado por morte e vilipêndio de cadáver, não tremeu diante da sentença, como o fez o terceiro enforcado, o luso/africano José Alexandre Barbosa, soldado do corpo policial. Este chorou ao escutar a sua pena. Suas mãos tremiam ao aproximar-se de Baracho, para pôr-lhe a corda no pescoço.

Arrebatando-lhe a corda, o tapuio diz, arrogante, ao mulato: -

Alexandre, quando você matou a hamburguesa não tremia assim! Não vou deixar que um cabra desse me empurre.

E pondo a corda no pescoço, atirou-se do cadafalso, sem esperar o sinal que o juiz de direito fazia para o carrasco, tirando o chapéu. O cabo, porém com o peso, partiu-se, deitando o índio no chão. Levantando-se, rápido, está novamente no patíbulo. No-

va corda, novo salto, nova queda. Gritos e choro na multidão. O tapuio, meio tonto, levanta-se e, serenamente, diz ver uma senhora, vestida de branco, nos ares, chamando-o. Antes do terceiro salto, comentou para o padre, “que morte agoniada”.

O terceiro salto valeu. Era 30 de junho de 1845. Foi sepultado na igreja do Rosário, como os escravos e todos os condenados,

os quais contam-se cinco aqui em Natal.

Seu crime aconteceu em 23 de abril de 1836, próximo à Lagoa do Gervásio, no município de Extremoz. A vítima era amásia de seu sogro, e Baracho, há muito a desejava. Sempre rechaçado, assassinou-a após uma festa de casamento, na qual fora novamente rejeitado pela cabocla Rosa Maria.

Seu pai, Marcolino José Baracho, chefiando um grupo de indígenas de Extremoz, atacou o porto de Touros, com intenção de matar o padre José Inácio de Brito. Não o encontrando, assaltou um sobrinho do padre, tomando-lhe um estojo de pistolas, sendo por isso processado.

O nome Baracho lembra outro criminoso executado. Este era latrocida. As vítimas eram taxistas. Campeão de fugas, foi morto no Bom Pastor, no início da década de 60. No Dia de Finados, sua cova é a mais visitada do cemitério deste bairro.

O índio Baracho ficou na lembrança popular. Durante os seis anos que permaneceu preso na velha cadeia da Rua Grande (- atual praça André de Albuquerque), ganhou fama de sapateador e cantor de modinhas lamentosas. Depois de morto, seu vulto corria pelas noites, por trás do mercado da Cidade Alta, trajando a vestia, algemado, trazendo a corda no pescoço. Também aparecia em sonho pedindo missa em sulfrágio de sua alma, sendo muitas celebradas.



CLOTILDE TAVARES

Fone: 642-2125

E-mail: clonews@digicom.br
www.clotildenews.com.br

Os 11 mandamentos

Neste início preguiçoso de ano, caro leitor, onde gastamos todas as nossas energias nas muitas comemorações que aconteceram por aí, esta colunista que vos fala também está numa crise aguda de preguiça.

Por isso hoje brindo você com este texto que não é meu, e que colhi na Internet, sem conseguir localizar o autor. Chama-se “Os 11 mandamentos para ser humano” e é uma excelente reflexão para este novo período que se inicia.

ROGÉRIO VITAL



1. VOCÊ RECEBERÁ UM CORPO

Você pode gostar dele ou odiá-lo, mas ele será seu enquanto durar seu tempo por aqui.

2. VOCÊ FARÁ UM APRENDIZADO

Você está inscrito por tempo integral numa escola informal chamada Vida. A cada dia nesta escola você terá a oportunidade de aprender lições. Você pode gostar das lições ou achá-las estúpidas ou irrelevantes.

3. NÃO EXISTEM ERROS, APENAS LIÇÕES

Crescer é um processo de tentativa e erro: experimentação. Os experimentos “fracassados” são parte do processo, tanto quanto o experimento que “funciona”.

4. UMA LIÇÃO SERÁ REPETIDA ATÉ QUE SEJA APRENDIDA

Uma lição lhe será apresentada de formas variadas, até que você a tenha aprendido. Quando a tiver aprendido, você poderá passar à lição seguinte.

5. O APRENDIZADO NUNCA TERMINA

Não há parte da Vida que não contenha suas lições. Enquanto você estiver vivo, haverá lições a serem aprendidas.

6. LÁ NÃO É MELHOR DO QUE AQUI

Quando seu lá tiver se tornado um aqui, você simplesmente obterá um outro lá, que novamente parecerá melhor do que aqui.

7. OS OUTROS SÃO MERAMENTE SEUS ESPELHOS

Você não pode amar ou odiar algo em outra pessoa, a menos que isso reflita algo que ama ou odeia em si mesmo.

8. O QUE VOCÊ FAZ DE SUA VIDA É ESCOLHA SUA

Você possui todas as ferramentas e recursos de que precisa. O que fará com eles depende de você. A escolha é sua.

9. SUAS RESPOSTAS ESTÃO DENTRO DE VOCÊ

As respostas às questões da Vida estão dentro de você. Tudo o que você precisa fazer é ver, ouvir e confiar.

10. VOCÊ SE ESQUECERÁ DE TUDO ISSO

11. VOCÊ PODERÁ SE LEMBRAR QUANDO QUISER

E Feliz Ano Novo!

ARTIGO

A prática teatral

LAURENCE BITTENCOURT

JORNALISTA E CRÍTICO DE TEATRO

Escrever ou ler uma peça de teatro difere em vários níveis da leitura e principalmente da escrita de um romance. Mas numa coisa fundamental, essa diferença é visível demais: a síntese, moldada que está ao diálogo permanente e sempre presente ao fazer teatral. O que impregna uma velocidade ao texto e à encenação, num matraquear permanente.

Num romance, o escritor pode e deve descrever ambientes, elaborar reflexões, algumas até filosóficas. Há toda uma cadência e ritmo próprio. No teatro, não. A ambiência, até por questão de espaço, se limita a um jogo de cenas rápidas, onde a opção maior é pelo limite do quarto, sala, poltronas e uma escada. O que rege o teatro é o diálogo. É a sua mensagem.

Não que não aja reflexão no teatro. Há e muita. A reflexão está presente, só que ligada ao mo-

vimento e ao gestual. A televisão (a teledramaturgia), por exemplo, é filha bastarda e inculta do teatro. Mas sua essência está moldada ao teatro. É uma tentativa de lhe dar sequência, inclusive na velocidade, na quebra da ação, para prender o ouvinte. Daí a mesma pretensão pelo ritmo, ou tentativa. O problema é que a novela é um “teatro” de baixo nível. Há teatro de baixo nível também.

Se o apelo da teledramaturgia é com a audiência, o desprezo pela qualidade é visível. Seu apelo é puramente comercial. Enquanto que um dramaturgo realmente vocacionado depura seu texto e sua proposta, e não quer só distrair e ser passatempo. O autor de novela fica condicionado ao ibope. Já o teatro é de alcance popular também, com a diferença de que enriquece e instrui o ouvinte, sem a preocupação de apenas entreter.

Em Natal ainda estamos tão incipientes neste ramo, que parece impossível vermos a possibilidade

de se levar o público a ceder à tentação de assistir a uma peça com encenação local. Essa espécie de não confiança absorve a dramaturgia local, e por tabela os poderes constituídos que dão rumo à nossa cultura, impedindo buscar novos vãos, e por consequência o próprio público. Mas isso mudará, certo que estamos do valor do nosso artista teatral. O problema é divulgarmos e conhecermos melhor esses nomes. Pode ser uma quebra de paradigma, tendo que se ter um gesto inaugural por parte do artista teatral, num esforço ainda maior e um gesto de boa vontade do público.

A encenação de nossos autores, dramaturgos e artistas pode até durar, mas é uma questão de tempo. A renovação conduzida por gente como João Marcelino, Henrique Fontes, Sávio Araújo, Pedro Queiroga e Carmem Dantas é salutar e bem-vinda. O tempo mostrará. Acredito que este ano será melhor.

DIVULGAÇÃO



RECEITAS DE VERÃO

Práticas de fazer, saladas não comprometem a boa forma na praia e ainda são deliciosas. A receita abaixo traz alho, abobrinha e muito azeite. Na seção bebidas, drinques à base de muita fruta e gelo para aliviar os efeitos do calor de verão

POR RITA LOBO

Que a verdade seja dita: principalmente para nós, mulheres, o que realmente conta, assim que chega o verão, é poder colocar um maiozinho sem ninguém comentar na praia que parece que você acabou de comer uma feijoada. Assim, apesar da teoria de que sopas frias, saladas e sobremesas geladas provocam um choque térmico no corpo - o que explica o fato de servirem comi-

das quentes e apimentadas nos países mediterrâneos e até mesmo na Bahia, com o intuito de fazer transpirar e equilibrar as temperaturas interna e externa -, por aqui, o que interessa nesta época do ano é o cardápio light e fácil de preparar.

Com a receita de hoje, uma salada morna de zucchini com gengibre, servida sobre rúcula e alface, você vai descobrir que pode transpirar, mas sem perder a elegância, nem ganhar alguns quilinhos a mais.

Salada morna de zucchini com gengibre sobre folhas verdes

INGREDIENTES

- . 2 colheres (sopa) de óleo de canola
- . 1 colher (chá) de gengibre ralado
- . 1 dente de alho picado
- . 2 cebolinhas picadas
- . 500 g de zucchini (ou abobrinha)
- . 1 cenoura em rodela finas
- . 2 palmitos em conserva, cortado em tiras longas
- . 3 colheres (sopa) de água
- . 2 tomates sem semente e cortados em fatias
- . sal a gosto
- . pimenta-do-reino a gosto
- . limão e azeite de oliva para fazer o molho
- . 4 punhados de folhas verdes lavadas e picotadas

MODO DE FAZER

Se você estiver usando abobrinhas, dispense o miolo e corte a casca em pedaços de cerca de 2 cm. Se forem pequenas, corte em rodela largas. Aqueça o óleo numa frigideira e coloque o gengibre e o alho. Em seguida, acrescente as cebolinhas, o zucchini (ou abobrinha) e a cenoura. Sem parar de mexer, cozinhe por dois minutos. Acrescente a água, que irá criar um vapor, e continue mexendo por mais dois minutos. O fogo deve estar bem forte.

Acrescente então o palmito e o tomate. Tempere com sal e pimenta, misture bem e retire do fogo. Deixe esfriar até ficar em temperatura ambiente e tempere com azeite de oliva e limão. Sirva sobre uma caminha de alface e rúcula, ou as folhas que você preferir.

FOTOS: GUSTAVO LORENCAO



BEBIDA PARA REFRESCAR



Drinques de verão

Para driblar as altas temperaturas, três coquetéis à base de frutas e muito gelo

POR PAULO FERRETI

Calor sufocante, trânsito caótico e chuva no final da tarde para abafar ainda mais. Para amenizar um pouco as altas temperaturas, a Revista traz como sugestão três novos coquetéis, com bastante gelo e sucos de frutas, criados pelo barman Bertone.

As receitas escolhidas pertencem à modalidade de coquetéis "montados", preparados no próprio copo em que são servidos, sem a utilização de coqueteleira ou copo de bar.

O coquetel "Ozônio", nada ofensivo, diferentemente do que se possa imaginar, é preparado em um copo longo (até 300 ml), com cinco pedras de gelo, e os seguintes ingredientes (nesta ordem): 1 dose de tequila (não envelhecida), 3 doses de suco de laranja e 1 ou 2 gotas de groselha ou grenadine (o importante é ter a cor vermelha). Por fim, sobre a bebida, deve-se "flutuar" (termo que significa colocar vagarosamente sobre a bebida que já está no copo, sem misturar) 1/2 dose de Blue Curaçao.

O segundo coquetel é o "Peach Jack", também montado em copo longo com cinco pedras de gelo. É composto por 1 dose de uísque Jack Daniel's, 1/2 dose de licor de pêssego, 3 doses de suco de abacaxi e 1/2 dose de groselha ou grenadine.

O último coquetel é o "El Niño", preparado também em um copo longo, com cinco pedras de gelo, que pode ser "crustado" com açúcar (envolver a borda do copo com suco de limão e açúcar ou sal). É composto por 1 dose de Pisco (destilado à base de bagaço de uva, originário de países sul-americanos como Peru e Chile), 1/2 dose de Blue Curaçao, 1/2 dose de suco de limão e completado com club soda ou água tônica.